

QUESTÕES DE TERMINOLOGIA NA TRADUÇÃO DE LITERATURA: OS CASOS DE EDITH WHARTON E WILLIAM BLAKE

Juliana Steil

RESUMO: Este artigo explora pontos de contato entre a tradução e a Terminologia, desenvolvendo o argumento de que a tradução literária também envolve preocupações e necessidades terminológicas, apesar de a teoria terminológica em geral considerar que o conhecimento sobre o léxico especializado é necessário apenas para a tradução de textos científicos, tecnológicos e profissionais. O problema é abordado a partir do exame da tradução de textos literários de dois autores de tradições diferentes, especificamente a narrativa longa da escritora estadunidense Edith Wharton (1862-1937) e o texto poético do gravurista, pintor e poeta inglês William Blake (1757-1827).

Palavras-chave: Terminologia e tradução literária, Edith Wharton, William Blake

ABSTRACT: This article examines the points of contact between translation and terminology, and argues that literary translation also includes issues of terminology, despite the fact that terminological theory tends to consider that a knowledge of specialised lexicon is only necessary when translating scientific, technological and professional texts. The subject is approached by looking at the translations of two literary texts by authors from different backgrounds and traditions; the long narratives by the North-American writer Edith Wharton (1862-1937), and the poetic texts of the English printer, painter and poet William Blake (1757-1827).

Keywords: Terminology and literary translation, Edith Wharton, William Blake

A teorização realizada no âmbito da disciplina de Terminologia, de modo geral, costuma apontar a presença de terminologias em um perfil textual bastante específico. Os textos dos quais se ocupa a Terminologia são essencialmente os textos produzidos nos contextos científicos, tecnológicos e profissionais: textos produzidos além destes contextos, em princípio, não apresentariam léxico especializado. Assim, o ponto de contato da Terminologia com a tradução estaria relacionado exclusivamente à tradução de textos das áreas científicas, tecnológicas e profissionais.

Sob a perspectiva da tradução de textos literários, o presente artigo argumentará em favor da ideia de que a tradução de literatura também envolve preocupações e necessidades terminológicas. Para isso, apresentará o ponto de vista do discurso tradicional da teoria terminológica; em seguida, examinará dois casos de tradução literária, especificamente da narrativa longa da escritora estadunidense Edith Wharton (1862-1937) e do texto poético do gravurista, pintor e poeta inglês William Blake (1757-1827).

Para situar a posição da Terminologia, vale lembrar que, em seu desenvolvimento histórico, conforme sumarizado por Lidia A. Barros (2004, p. 32), sua afirmação

como disciplina científica que estuda os termos de uma área de especialidade se dá (...) pela contribuição de especialistas em outras matérias, como Eugen Wüster (1898-1977), engenheiro austríaco que, nos anos de 1930, estabeleceu as bases da Escola Terminológica de Viena e mais tarde elaborou sua Teoria Geral da Terminologia (TGT).

Desde o início da disciplina, com a Teoria Geral da Terminologia de Wüster, entre outros esforços teóricos, o foco da Terminologia é, como não poderia deixar de ser, o discurso especializado. Sua base inicial, além disso, está voltada para o favorecimento da comunicação científica no plano internacional (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 30). Pode-se dizer que o viés aplicado da Terminologia, acompanhando seu desenvolvimento teórico, mantém ao longo de sua história a proposta de contribuir para a solução de problemas de informação e comunicação

técnica, em princípio concentrando-se exclusivamente às modalidades textuais relacionadas às diferentes áreas do saber técnico e científico.

Para a Teoria Comunicativa da Terminologia, principal vertente da Terminologia contemporânea, um dos fatores que caracterizam a situação especializada é o fato de a produção e a transmissão do conhecimento ocorrer em contextos profissionais nos quais tal conhecimento é produzido por especialistas e dirigido a um público também especialista ou semi-especialista (CABRÉ e ESTOPÁ, 2005, p. 02). Segundo Cabré e Estopá (2005), é uma exceção a esta regra o caso da *divulgação* científica e técnica (em veículos como o jornalismo, por exemplo), que também fazem parte da comunicação especializada porque a estrutura de transmissão de especialista para especialista se preserva, embora um mediador e um leigo possam estar desempenhando estes papéis.

A relação entre Terminologia e tradução costuma ser estabelecida justamente quando se discute a comunicação interlingual do conhecimento especializado. De acordo com esta ideia, Cabré afirma que

se a organização do pensamento e a conceitualização representam a dimensão cognitiva da terminologia, a transferência do conhecimento constitui sua dimensão comunicativa. A terminologia é a base da comunicação entre especialistas, e o tradutor especializado, no papel de mediador, transforma-se de fato em uma espécie de especialista, e deve atuar como tal na seleção dos termos⁶⁰ (CABRÉ, 2004, p. 11).

O tradutor será, portanto, um mediador falando em nome do especialista, e essa mediação ocorrerá especificamente na tradução do texto técnico ou científico. Quanto a isso, o posicionamento teórico de Cabré é bastante claro:

⁶⁰ “Si la ordenación del pensamiento y la conceptualización representan la dimensión cognitiva de la terminología, la transferencia del conocimiento constituye su dimensión comunicativa. La terminología es la base de la comunicación entre los especialistas, y el traductor especializado, actuando de mediador, se convierte de hecho en una especie de especialista, y debe actuar como tal en la selección de los términos”. A tradução dos excertos de CABRÉ (2004) é de minha autoria.

Para estabelecê-la [a relação entre tradução e terminologia] devemos nos perguntar, em primeiro lugar, se a terminologia é necessária em todo tipo de tradução. A resposta parece óbvia. A terminologia, com exceção de casos muito particulares, só é necessária para a tradução especializada⁶¹ (CABRÉ, 2004, p. 11).

Contudo, há subsídios que indicam que os casos particulares em questão sejam na verdade bem mais numerosos do que a própria Terminologia supõe. A análise da tradução de duas obras literárias de naturezas diferentes pode ajudar a demonstrar isso.

Um breve exame da tradução do romance *The Age of Innocence* de Edith Wharton é capaz de revelar a presença de diferentes eixos de unidades lexicais com um “conteúdo específico dentro de um domínio específico” (BARROS, 2004, p. 40), em suma, de *termos* e fraseologias de determinadas áreas especializadas.

The Age of Innocence foi publicado em 1920 e tem como cenário a cidade de Nova York por volta de 1870. A história acontece em torno de um triângulo amoroso em que Newland Archer, jovem de uma família tradicional e respeitada, tem de decidir entre manter as aparências se casando com a bela e obediente May Welland ou fugir com a prima de sua noiva, Ellen Olenska, seu verdadeiro amor, cujas atitudes em suas relações sociais são rejeitadas na alta sociedade nova-iorquina.

Um elemento muito importante nessa narrativa é a descrição dos ambientes sociais, como teatros e clubes, das carruagens, das casas e das roupas, pois ela ajuda a compor as personagens, apresentando sua posição na sociedade e produzindo um efeito marcante de verossimilhança, que se refere aos hábitos da elite da costa leste dos Estados Unidos de 1870.

Os termos de moda destacam-se nas obras desta romancista de costumes, conforme amplamente discutido em *Edith Wharton and the Making of Fashion* (Joslin, 2009). São frequentes as passagens em que o narrador oferece detalhes sobre os trajes das mulheres. O episódio do casamento de Newland Archer com May Welland, por exemplo, os trajes são descritos de forma a informar sobre os padrões existentes em relação à moda para esse tipo de ocasião, o senso de elegância das damas e sua adequação ou não às regras do grupo:

⁶¹ “Para establecerla debemos preguntarnos en primer lugar si la terminología es necesaria en todo tipo de traducción. La respuesta parece obvia. La terminología, con excepción de casos muy particulares, solo es necesaria para la traducción especializada”.

Archer's eyes lingered a moment on the left-hand pew, where his mother, who had entered the church on Mr. Henry van der Luyden's arm, sat weeping softly under her *Chantilly veil*, her hands in her grandmother's *ermine muff* (WHARTON, 2008)

Os olhos de Archer demoraram-se um instante no banco da esquerda, onde sua mãe, que entrara na igreja acompanhada do Sr. Henry van der Luyden, chorava discretamente sob o seu *véu de renda Chantilly*, com as mãos no pesado *regalo de arminho* que fora de sua avó (WHARTON, 2011, p. 179)

O “véu de renda Chantilly” e o “regalo de arminho” da Sra. Archer são termos específicos relevantes para informar o leitor sobre o estilo e as condições financeiras da mãe do noivo, além de seu apego à tradição.

No encontro de Archer e Ellen Ollenska anos mais tarde, a condessa usa um luxuoso casaco de pele de foca:

As she stood there, in her long *sealskin coat*, her hands thrust in a small round *muff*, her veil drawn down like a transparent mask to the tip of her nose (...) (WHARTON, 2008)

Enquanto ficava ali, com seu longo *casaco de pele de foca* e as mãos em um pequeno *regalo* arredondado, o véu parecendo uma máscara transparente até a ponta do nariz, (...) (WHARTON, 2011, p. 300)

Naturalmente, as descrições dos hábitos de vestir não se restringem às mulheres. No jantar oferecido à condessa, o narrador faz questão de mostrar a decepção com que é recebido o traje do convidado mais esperado da noite, o Duque de St. Austrey, alheio aos costumes da elite americana:

Being a well-bred man he had not (like another recent ducal visitor) come to the dinner in a *shooting-jacket*; but his *evening clothes* were so shabby and baggy, and he wore them with such an air (...) (WHARTON, 2008).

Educado, não veio (a exemplo de outro recente visitante ducal) para o jantar com um *casaco de caça*; seu *traje de noite*, contudo, era velho e largo, e ele o usava com um ar tal (...) (WHARTON, 2011, p. 64)

Está igualmente presente ao longo do livro a terminologia da área de arquitetura, área à qual a autora dedicou um grande interesse pessoal, ao lado do design de interiores e do paisagismo, e na qual pode ser considerada uma legítima especialista⁶². Em *The Age of Innocence*, os termos de arquitetura cumprem uma função parecida à da terminologia de moda. Na cena romântica em que Archer observa Ellen Olenska ao longe, apresenta-se a descrição do amplo terreno da casa da matriarca da família de Ellen e May:

From the willow walk projected a slight *wooden pier* ending in a sort of *pagoda-like summer-house*; and in the *pagoda* a lady stood, leaning against the *rail*, her back to the shore (WHARTON, 2008).

Do caminho de salgueiros projetava-se um delicado *trapiche de madeira* que terminava em uma espécie de *gazebo em forma de pagode*; e no *pagode* estava uma dama, de pé e recostada contra o *parapeito*, de costas para a praia (WHARTON, 2011, p. 212)

Já a residência do jovem casal Archer é descrita como uma casa suntuosa ao mesmo tempo tradicional e sintonizada às novidades arquitetônicas:

⁶² Entre seus livros de não ficção estão *The Decoration of Houses* (1897) e *Italian villas and their gardens* (1904).

(...) and the house was built in a ghastly greenish-yellow stone that the younger architects were beginning to employ as a protest against the *brownstone* of which the uniform hue coated New York like a cold chocolate sauce; but the plumbing was perfect. (...) The young man felt that his fate was sealed: for the rest of his life he would go up every evening between the *cast-iron railings* of that greenish-yellow *doorstep*, and pass through a *Pompeian vestibule* into a *hall* with a *wainscoting* of varnished yellow wood. (...) He knew the *drawing-room* above had a *bay window*, but he could not fancy how May would deal with it (WHARTON, 2008).

(...) a casa estava construída em uma horrível pedra amarelo-esverdeada que os jovens arquitetos estavam começando a usar como reação contra o *arenito pardo* da qual o tom uniforme cobria Nova York como uma calda fria de chocolate; mas a parte hidráulica era ótima. (...) O jovem sentia que seu destino estava determinado: pelo resto da vida subiria toda noite entre os *corrimãos de ferro fundido* daquela *escada* amarelo-esverdeada, e atravessaria um *vestíbulo pompeiano* para um *corredor* com *lambriel* de madeira amarela envernizada. (...) Sabia que a *sala* de cima tinha uma *janela de sacada*, mas não conseguia saber como May a organizaria (WHARTON, 2011, p. 72)

Do tratamento ficcional da atmosfera da alta sociedade nova-iorquina do fim do século XIX, passemos à análise de outro tipo de texto literário, ainda no âmbito da literatura em língua inglesa: a escrita profética de William Blake. De fato, em dois estilos tão diferentes, existe algo em comum no que se refere à Terminologia, pois Blake também faz uso de léxico especializado.

Em *Milton*, para mencionar apenas um de seus livros proféticos, Blake utiliza termos de diferentes atividades artesanais ligadas à criação de algo novo: a tecelagem que dá forma a tecidos para diversas utilidades; a metalurgia, que molda a matéria prima em uma variedade de objetos e instrumentos; a agricultura, que dá vida a elementos imprescindíveis para

a manutenção do ser humano. Uma diferença notável no tratamento terminológico operado por Blake é que, enquanto Edith Wharton utiliza termos no sentido histórico, o poeta inglês acrescenta uma dimensão simbólica.

Assim, a terminologia metalúrgica aparece relacionada à personagem Los, representado na figura do ferreiro:

Loud sounds the *Hammer* of Los, & loud his
Bellows is heard
 (...) loud groans Thames beneath the iron *Forge*
 (...), to forge the instruments
 Of *Harvest*: the *Plow* & *Harrow* to pass over the
 Nations
 (BLAKE, 1988, p. 99)

Alto soa o *Martelo* de Los, & alto se ouve o seu
Fole
 (...) alto geme o Tâmisia sob a *Forja* férrea
 (...) a moldar os implementos
 Da *Colheita*: o *Arado* & a *Grade* de lavrar as
 Nações
 (BLAKE, 2011, p. 111)

Los é a “Poesia, a expressão da Imaginação Criativa neste mundo”; ele é associado ao Sol espiritual, sendo de fato o criador diário do sol material e de tudo o que existe na terra vegetal (DAMON, 1984, p. 246-247)⁶³. Este sol aparece simbolizado nas imagens de fogo durante a atividade do ferreiro. O Martelo, que representa a Justiça, a Misericórdia e o Perdão, conforme os versos na lâmina 88 do livro *Jerusalem*, e os demais instrumentos – a bigorna, o fole, a fornalha etc – também aludem aos utensílios de trabalho de Blake em sua profissão de gravurista em metal: desse modo, ele próprio, como artista, trabalha em favor da Imaginação e também desempenha o papel de Los como criador de mundos. A estrutura desta dimensão simbólica, portanto, depende diretamente do léxico temático. Os termos de metalurgia, por exemplo, além de estarem interligados no livro *Milton*, integram uma simbologia recorrente ao longo da obra de Blake, de modo que o tradutor fica

⁶³ Alguns críticos têm considerado a abordagem das relações simbólicas da obra de Blake realizada por Damon excessivamente sistemática em relação à organização poética dos textos aos quais se refere; aqui ela é suficiente, no entanto, para ressaltar os traços gerais da simbologia criada pelo artista londrino.

impossibilitado de considerá-los mais livremente, uma vez que a ruptura do eixo terminológico faz as relações metafóricas perderem o sentido.

Conforme visto no excerto anterior, as terminologias de metalurgia e de agricultura estão relacionadas, pois o ferreiro molda os implementos a serem utilizados no cultivo da terra. Desse modo, os filhos de Los têm a responsabilidade de preparar a terra para uma Nova Era: Rintrah (ira) é responsável pelo *Arado* de ferro e Palamabron (piedade), pela *Grade* de ouro, indicando simbolicamente que a última colheita, isto é, o despertar da humanidade para a Unidade Espiritual, não acontecerá sem conflito, assim como a tarefa de semear pressupõe também ferir o solo.

Talvez seja precipitado afirmar que toda literatura trabalha com léxico especializado. Esses dois exemplos, no entanto – Wharton e Blake –, cujas obras pertencem a tradições tão diferentes entre si, ilustram o emprego frequente de terminologias em textos literários. Barros (2006, p. 26) reconhece que

De fato, as investigações científicas sobre o léxico de obras literárias têm observado a presença marcante, nessas obras, de termos pertencentes a campos temáticos e especializados. Assim, a terminologia dá passos no sentido de estabelecer relações de cooperação com a literatura, o que não se concebia até recentemente e ainda não se concebe para a maior parte dos terminólogos, visto que se considera que o texto literário se oponha ao texto técnico e científico em suas características fundamentais.

A tradução é uma tarefa que evidencia esta relação importante entre o léxico especializado e a literatura. Conforme indicam os excertos selecionados, a tradução dos termos e fraseologias de moda e de arquitetura, no caso de Wharton, bem como os de metalurgia e de agricultura, no caso de Blake, tem um impacto bastante relevante em seus respectivos contextos: a Sra. Archer usava, no casamento de seu filho, um *Chantilly veil*, isto é, um “véu de renda Chantilly”, e não qualquer véu, além de um *ermine muff*, ou seja, um “regalo de arminho”, e não um par de luvas, ou um regalo de outro tipo de pele ou material – não são detalhes de léxico geral, mas de características específicas que contam a história da personagem; o som que se ouve por toda Londres na passagem

de Milton é o movimento do Fole especificamente, parte dos instrumentos na oficina do ferreiro – que serão mencionados em outros pontos do poema e da obra mais ampla da qual faz parte –, onde atua a simbólica personagem Los.

É possível que a “invisibilidade terminológica” do tradutor literário – expressão utilizada por Braga (2009) – não represente um prejuízo real para o desenvolvimento da Terminologia; a tradução literária, ao contrário, tem muito a ganhar no contato com a Terminologia, especialmente em seu viés aplicado. Não por acaso, a tradução literária tem buscado essa aproximação, o que pode ser visto em iniciativas recentes como o trabalho de Braga (2009), que estuda o tratamento literário da terminologia náutica em Joseph Conrad a partir de sua tradução. Outra importante referência recente que aborda o tema da Terminologia na tradução literária é a pesquisa de Zavaglia et al (2010).

A contribuição terminológica para a tradução literária parece apontar em duas direções principais: a formação do tradutor literário, para o qual é cada vez mais incontornável o conhecimento em pesquisa terminológica bilíngue ou multilíngue, bem como o domínio de instrumentos terminológicos úteis na prática de seu ofício. Nesse sentido, a ampliação do diálogo entre Terminologia e tradução literária é tão bem-vinda quanto necessária.

Referências Bibliográficas

BARROS, Lídia Almeida. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. *Ciência e Cultura*, 2006, vol. 58, nº 2, p. 22-26.

_____. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: EDUSP, 2004.

BLAKE, William. Milton. In: ERDMAN, David V. *The Complete Poetry & Prose of William Blake*. Newly revised edition. New York, London, Toronto, Sydney and Auckland: Anchor Books, 1988.

_____. Milton. In: STEIL, Juliana. *Tradução comentada de Milton de William Blake*. 2011. Tese de doutorado. Florianópolis: PGET/UFSC.

BRAGA, Guilherme da Silva. *O tratamento literário da terminologia náutica em uma nova tradução de The Shadowy Line, de Joseph Conrad*. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: UFRGS.

CABRÉ, Maria Teresa. La terminología en la traducción especializada. In: GONZALO GARCÍA, Consuelo; GARCÍA Yebra, Valentín. (Eds.) *Manual de documentación y terminología para la traducción especializada*. Madrid: Arco Libros, 2004.

CABRÉ, Maria Teresa; ESTOPÁ, Rosa. Unidades de conocimiento especializado: caracterización y tipología. In: CABRÉ, Maria Teresa; MARTORELL, Carmen Bach. (Eds.) *Coneixement, llenguatge i discurs especialitzat*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 2005.

DAMON, Samuel Foster. *A Blake Dictionary – The Ideas and Symbols of William Blake*. Revised Edition with a new foreword and annotated bibliography by Morris Eaves. Hanover and London: University Press of New England, 1988.

KRIEGER, Maria da Graça. Do ensino da terminologia para tradutores: diretrizes básicas. *Cadernos de tradução*, v.1 (17), 2006, p. 189-206.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José. *Introdução à Terminologia – teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

JOSLIN, Katherine. *Edith Wharton and the Making of Fashion*. Durham: University of New Hampshire Press, 2009.

WHARTON, Edith. *A época da inocência*. Tradução de Jonas Tenfen e Juliana Steil. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

_____. *The Age of Innocence*. Disponível em <<http://www.gutenberg.org/>>. Ano da publicação eletrônica: 2008. Acesso em: 13 abr 2014.

ZAVAGLIA, Adriana; POPPI, Carolina; MADRUGA, Carolina Fernandez; CRUZ, Aina Cunha. Terminologia e Tradução: o caso dos

textos literários. In: ALVES, Ieda Maria; JESUS, Ana Maria Ribeiro de; OLIVEIRA, Luciana Pissolato de; PEREIRA, Eliane Simões. (Orgs.) *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*. Volume II. São Paulo: USP, 2010, pp. 17-34.